



## O canto e a crença na folia do Divino de Planaltina - DF: uma intermídia

Givas Demore <sup>1</sup>

*Categoria: Comunicação*

**Resumo:** intermídia é a fusão de dois meios com vistas a comunicação de algo. Meio são os elementos que são utilizados para transmitir uma mensagem. Na folia, o canto e a crença são os transmissores das mensagens da festa. O objetivo deste artigo é análise do significado da intermídia canto-crença na folia. A metodologia utilizada baseou-se na etnografia e pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram que a intermídia canto-crença se funde para dar forma ao ritual, a pedidos, a diretrizes, a reverências, a louvores, a agradecimentos e para expressar confiança, fé e devoção. A conclusão é de que a fusão de canto e crença formam a base ritual e semântica da festa. A exclusão de qualquer um de seus elementos descaracteriza festa.

**Palavras-Chaves:** Canto. Crença. Folia do Divino. Etnomusicologia.

### The singing and belief in the folia of the divine of Planaltina - DF: an intermedia

**Abstract:** intermedia is understood as fusion of two means in order to communicate something. Means are the elements that are used to convey a message. In the folia, singing and belief are the transmitters of the messages of the party. The aim of this article is to analyze the meaning of the canto-belief intermedia in the folia. The methodology used was based on ethnography and bibliographical research. The results show that the singing-belief intermedia merges to form the ritual, requests, guidelines, reverences, praises, thanks and to express trust, faith and devotion. The conclusion is that the fusion of singing and belief form the ritual and semantic basis of the feast. These elements cannot be dissociated, in danger of the party being mischaracterized.

**Keywords:** Singing. Religious belief. Folia of the Divine. Ethnomusicology.

## Introdução

O canto e a crença são os fatores que propiciam o acontecimento da folia do Divino de Planaltina, <sup>2</sup> folia de roça. Cada elemento ganha contornos significativos que

---

<sup>1</sup> Mestrando em música na Universidade de Brasília - UnB, instituto de artes. E-mail: givas.demore@gmail.com.

<sup>2</sup> Os foliões denominam toda a manifestação de folia do Divino em detrimento do termo Festa do Divino. Nas demais festas do Divino, a folia é o conjunto instrumental responsável pela música, mas em Planaltina o termo nomeia toda manifestação. A festa do Divino de Planaltina é celebrada há 156 anos, segundo o RQ 2267/2016, protocolado na câmara distrital do DF. É patrimônio cultural do Distrito Federal desde o ano de 2013, classificada como legítima referência cultural do DF (BRASIL, 2013).



revelam os elementos basilares da Festa. É nessa intermídia (canto-crença) que a etnomusicologia ganha um âmbito de estudo que une canto (música) e crença (religião) e passa a interpretar o significado que constrói elementos culturais manifestados nos cantos.

Ao falar em intermídia, somos quase imediatamente levados a pensar em mídia como suporte para informações digitais ou meios de comunicação de massa. O termo intermídia ressignificou o entendimento da palavra mídia. Higgins (2007, p. 140) afirma que o termo difundido e ressignificado por ele, mas cunhado por Samuel Taylor Coleridge, acontece “quando dois ou mais meios distintos são fundidos conceitualmente, eles se tornam intermídia. Diferem dos meios mistos, sendo inseparáveis na essência da obra de arte”. Assim, intermídia é a fusão de meios diversos utilizados para comunicar algo.

Conforme Holderbaum (2014), a palavra *intermedia* deriva do inglês e significa mídias ou *média*, significando em português *meio*. “Sua tradução literal, portanto, seria *intermeios* [...]. O meio [mídia] é tanto um procedimento quanto um material, substância ou forma, usados para comunicar alguma coisa” (*Ibid.*, 2014, p. 80-81, grifo da autora). Para a autora,

falar em intermídia coloca em questão a concepção de mídia como fusão ou intercessão entre os meios; diz respeito ao que é meio de passagem, de contato, de agenciamento, articulação, trânsito: seja de informação, de conteúdo estético, ou de conteúdo a-estético (cotidiano). Falamos de uma tela, de um recital, de um som, de uma escultura, de uma situação, de uma imagem. Falamos de um evento cotidiano ou de uma obra de arte (HOLDERBAUM, 2014, 82).

A partir dessa lente teórica, imputa-se ao canto e à crença a significação de meios de comunicação que se fazem os canais de difusão de aspectos rituais e estruturais, valores morais e culturais. Canto-crença é a intermídia, decorrente da fusão de meios, que permite a extração das características fundamentais da festa. A crença como meio revela-se no processo mental que assume o Espírito Santo como entidade sagrada, abrigado fé, devoção e confiança. O canto como meio abriga os aspectos semânticos que dão existência a diretrizes, pedidos, agradecimentos, reverência e louvor. O canto e a crença influenciam-se mutuamente e fornecem um ponto de partida para perceber o modelo existencial da folia de Planaltina - DF.

Higgins (2007) utiliza o conceito de intermídia nas artes e assim este conceito se revela como uma capacidade de fusão de meios e pode unir um conceito e uma forma.



Para o autor, “o termo [intermédias] não é prescritivo; ele não se auto elege ou apresenta um modelo para fazer novos ou grandes trabalhos” (HIGGINS, 2007, p. 52). Isso permite o caráter antifundacionista das intermédias e sua justificação em relação a fusão de meios diversos. O conceito de Intermédia permite que se cruze os principais meios da folia do Divino: o canto e a crença de modo que a partir deles tenha-se uma interpretação intermédica, por causa dessa fusão que fornecerá uma significação ampla e única, que considera a totalidade do significado construído a partir da fusão dos meios.

Curiosamente, a perspectiva de Higgins faz consonância com os ideais da etnomusicologia. Para Higgins, a intermédia é o que permite, nas artes plásticas, que se funda música e filosofia (escultura), o que gera a obra intermédia (que não pode ser julgada como boa ou ruim). Na etnomusicologia, a o ideal intermédico se fez presente desde sua criação, pois etnomusicologia significa, na acepção mais limitada do termo, a união entre música e antropologia (e outros meios que geram, por sua vez, um significado que emerge dessas categorias). A etnomusicologia é multicultural quando utiliza variadas disciplinas na resolução de suas investigações, o que a faz dela intermédica.

Mas o que é etnomusicologia? Manthe Hood (1963, p. 217), um famoso etnomusicólogo americano afirma que “a disciplina [etnomusicologia] é direcionada à compreensão da música estudada em termos de si mesma e também à compreensão da música no contexto de sua sociedade”. Merriam (1960, p. 109), através de seu trabalho intitulado *Antropologia da Música* de 1964, define etnomusicologia como o “estudo da música na cultura”. Os estudos de Alan Merriam são o marco para o estudo da música dentro do contexto cultural das manifestações sobre as quais se debruça a etnomusicologia. Na etnomusicologia, o fator mais importante é o significado que emerge das análises. O que importa é a compreensão da função da música dentro do contexto. Essa compreensão é realizada através da análise do comportamento, extraído através de ferramentas antropológicas, o que revela o fator cultural (MERRIAM, 1964). A intermediação se perfaz através do fator interdisciplinar que é fusor de disciplinas diversas em torno de uma finalidade única (que se faz multidisciplinar de acordo com as necessidades da análise metodológica em relação ao objeto).

Partindo da folia como manifestação que funde canto e crença, a pesquisa possui como questão a investigação sobre como o fator intermédico (canto-crença) se relaciona na Folia do Divino? Tendo como objetivo a análise do significado da intermédia canto-



crença. Para a consecução dos dados aqui descritos, utilizou-se a etnografia<sup>3</sup> e a pesquisa bibliográfica. Aqui não se pretende utilizar a palavra canto-crença com valor unitário, mas sim compreender que a fusão dos meios, no seu contexto, dá origem a um conjunto que constitui o ritual e o integra. Afinal, duas intermédias, como por exemplo, um romance escrito em suporte físico, não perde a essência por que foi roteirizado para cinema. Nem tão pouco se torna mais importante porque se tornou intermídia. A fusão de canto e crença acontece porque o canto é o elemento primordial no ritual e não pode deixar de expressar os valores morais e éticos expressos pela crença. Desse modo, chama-se canto-crença.

Compreender o que significa intermídia abre caminho para a junção das conceituações sobre os termos canto e crença, permitindo tecer uma imagem geral que traduz o significado da manifestação. Para HIGGINS (2007), a intermídia torna fácil a classificação e o entendimento do significado, sem que o termo torne o trabalho melhor por que ele é intermedial.

### **1. O canto e a crença na festa do Divino de Planaltina: uma intermídia**

Após a definição do termo intermídia compreende-se a folia como o suporte para a intermídia canto-crença, mas surge a necessidade de compreender o que é folia do Divino da roça de Planaltina (FDRP). A festa do Divino é ritual um ligado à crença católica (de Pentecostes) que comemora a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo.

Leal (1994, p. 15) expõe que “a sua origem, [...] é geralmente situada no séc. XIV, em Alenquer, e atribuída à Rainha Santa Isabel”. Cascudo (1999, p. 356) define a festa do Divino como “Festa religiosa, em Portugal, estabelecida nas primeiras décadas do séc. XIV pela Rainha D. Isabel (1271-1336) casada com o Rei D. Diniz de Portugal (1261-1325)”. Para Cascudo (1999), a construção da igreja do Espírito Santo em Alenquer foi o fator que motivou a festa. Santo (1988), acredita que a festa vem da tradição hebraica, organizada pelos cristãos novos.

---

<sup>3</sup> Os dados aqui analisados surgem da pesquisa de mestrado realizada no ano de 2019 na folia do Divino de Planaltina, junto ao departamento de música da Universidade de Brasília (UnB).



A festa acontece por meio da reunião de foliões que, em comunidade, se organizam arrecadando donativos para festa, celebrando novenas (em casa) e celebrando a festa propriamente (em fazendas ou ranchos<sup>4</sup>), através dos pousos (que é a reunião da comitiva de foliões, em determinada casa, para cantar cantos e realizar rituais que tem como objetivo louvar o Divino Espírito Santo) e de giros (o movimentar da folia entre os pousos).

O elemento central na festa é a figura do Divino Espírito Santo, através de sua bandeira. A festa do Espírito Santo, apesar de remontar ao séc. XIII em Portugal, passa pela religião católica, através do rito denominado Pentecostes.<sup>5</sup>

A crença no Espírito Santo, ou seja, o acreditar é uma condição que faz o folião aceitá-lo como entidade Divina (doadora de dons e benesses) capaz de satisfazer suas necessidades. Segundo Schwitzgebel (2006, online), “é comum supor que as crenças desempenham um papel causal na produção do comportamento”. A crença é o fator que modela o comportamento religioso (GEERTZ, 2008) e explica símbolos representativos de realidades transcendentais como por exemplo: a Bandeira, a pomba, o altar, as imagens e etc. Além do mais, serve ao convencimento daquilo que já foi aceito (pela religião) como verdadeiro (GEERTZ, 2008).

Para Geertz (2008), a crença religiosa tem o poder de transportar a pessoa para “outro modo de existência” (*Ibid.*, p. 87). No contexto da folia, a crença é o domínio compartilhado que motiva os foliões a se reunir em comunidade e expressar suas práticas<sup>6</sup>. A crença cria uma configuração social — que se apoia em fatores identitários, cujo objetivo circunda práticas religiosas de devoção, reverência, louvor,

---

<sup>4</sup> A FDRP ocorre no contexto rural, ou seja, nas fazendas, chácaras e ranchos nos arredores de Planaltina. São 9 novenas mensais e 5 pousos, mais a alvorada e a desalvorada.

<sup>5</sup> Tendo-se completado dia de Pentecoste (...) todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia se exprimirem. (Bíblia, atos dos apóstolos, 2, 1-4).

<sup>6</sup> Os eixos domínio compartilhado, comunidade e pratica forma aquilo que Wenger (1998) classificou como comunidade de pratica.



gratidão à entidade sagrada, através dos elementos do catolicismo: Espírito Santo, Maria Mãe de Deus, orações, imagens sacras e símbolos.

Se nos perguntarmos de onde provém a crença, a resposta, num âmbito geral, longe dos fatores psicológicos, está na religião (no catolicismo). A religião faz parte de um sistema estruturante que usa símbolos (e diversos meios) para a integração social (BOURDIEU, 1998). Para Geertz (2008), a religião é um sistema de símbolos que incute nos homens conceitos que são tomados como verdadeiros<sup>7</sup>. É a partir da crença que surge o *ethos* e a *visão de mundo* da FDRP. O *ethos* é identificado por Geertz (2008) como os aspectos morais, estéticos e valorativos. Conforme o autor, o *ethos* religioso é um sistema cultural que cria, recria e controla o comportamento da sociedade. Visão de mundo são aspectos cognitivos e existenciais, ou seja, “o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem” (GEERTZ, 2008, p. 67). *Ethos* e *visão de Mundo* estão dentro do domínio de crença que circunscreve os foliões.

Como valores morais centrais (que normatizam o comportamento) temos: a crença no Divino Espírito Santo; a devoção à Nossa Senhora e à Santíssima Trindade, o caráter sagrado das bandeiras, a reverência aos símbolos da folia: bandeira, pomba, altar, imagem de Nossa Senhora. A visão de mundo compartilhadas é de que a folia é um ritual de agradecimento, louvor e exaltação da figura transcendental do Divino Espírito Santo. É exatamente nesse ritual que ocorre uma fusão com o mundo vivido e imaginado, na medida em que as celebrações tem como objetivo abordar a imanência do homem do campo,<sup>8</sup> que deseja a benção para sua vida e a transcendência de louvar e exaltar o Divino Espírito Santo, manifestado na bandeira sagrada.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

<sup>8</sup> Um dos objetivos em celebrar as folias (festas) na fazenda é abençoar os locais onde são produzidos os alimentos, segundo Cesinha, contra guia de folia.

<sup>9</sup> É de fundamental importância elencar que, apesar da FRP ser dirigida ao Espírito Santo, suas práticas se bifurcam entre o divino e o humano. A celebração não possui como único condão a devoção, a fé e a crença ao Divino. Ela também se volve para a comunidade quando expressa os anseios da coletividade e quando, por intermédio da bandeira sagrada, abençoa as casas, fazendas, pessoas; quando a festa serve de apoio devocional para realizar pedidos/promessas que serão respondidos (pelos membros como agradecimento) com ações morais, materiais ou comportamentais, a depender da sua promessa.



No que concerne à religião, Avelar Filho (2015) afirma a existência de um catolicismo oficial, que faz uso de rituais e orações típicos da igreja católica <sup>10</sup> e um catolicismo popular baseado em concepções gerais que não utiliza esses ritos formais (mas que constitui os próprios ritos). A ideia de que a folia pertence ao catolicismo é bem definida pelos foliões. Cesinha, contra guia de folia, afirma que a ligação da folia com o Divino é bem definida. “Nós estamos louvando o Espírito Santo e só o catolicismo faz isso” (informação verbal). <sup>11</sup> “Sem catolicismo não tem folia, porque a folia é do Divino e o Divino é católico” (informação verbal), <sup>12</sup> afirmou Alcides, contra guia de folia.

A constituição simbólica da folia se faz através da bandeira — considerada sagrada e dissipadora de graças, curas e milagres —, da pombinha sagrada, que é uma imagem de um pássaro que representa o Divino, e do altar que é reduto do Espírito Santo.

O fator primordial que une os foliões é a crença, mas sem a religião católica faltaria à folia o enfoque central: o Espírito Santo. Segundo Geertz (2008), são os símbolos que formulam os valores (aos quais a festa do Divino se atrela). Para Tambiah (1985), a crença é o motivador do ritual.

Os cantos da folia despontam como os principais aspectos performativos do ritual. Os foliões da FDRP se referem ao canto como cantório. É através do canto(-crença) que se constituem os rituais. Ele é acompanhado por violas, pandeiro, reco-reco, caixa, acordeom, cavaquinho, rabeca e violão. A mensagem que o canto revela se alinha com os acontecimentos circunstanciais. Os cantos são improvisados, mas possuem algo que os foliões chamam de ramagem, que é um tipo de cabeçalho contendo o esqueleto léxico formal. O canto depende da palavra (da letra), como elemento extramusical, para acontecer. Não há sentido em realizá-lo, melódica e harmonicamente, se não houver mensagem textual. Através dos cantos e seus aspectos textuais, surgem pedidos, as diretrizes, as reverências, os louvores (adoração) e os agradecimentos que são intermediados pelo canto. A utilização do canto, que utiliza o sentimento religioso como sua motivação, vai além de valores estéticos relacionados à beleza e situa-se distante do

---

<sup>10</sup> Orações tradicionais do catolicismo (pai-nosso, Ave Maria, oração ao Espírito Santo, Ladainha e Nossa Senhora, Missas) são parte integrante do ritual.

<sup>11</sup> Entrevista realizada com o contra guia de folia Cesinha, junho de 2019, Goiás.

<sup>12</sup> Entrevista com o contra guia de folia Alcides, em junho de 2019, Goiás.



uso banal cotidiano. O canto se manifesta através da voz que traz em si uma carga simbólica-semântica que contextualiza e significa os momentos nos quais ele existe.

O canto é realizado pelo guia e contra guia, sem a participação verbal dos demais presentes. Cada guia e contra guia de folia tem seu ajudante. O guia, posicionado em frente ao altar e ao contra guia, canta versos em redondilha maior, cabendo ao contra guia repeti-los. Os versos dos cantorios são em estrofes simples, constituídas de dois versos com o mesmo tamanho métrico. Há também estrofes em quadra, mas as mais comuns são estrofes contendo dois versos.

A estrutura ritual da folia é constituída pelos cantorios. A música não é um entretenimento, uma distração. Ela é parte essencial do ritual. Para Tambiah (1985), os rituais, expressam uma sequência organizada de atos e palavras. A folia tem três grandes eixos: alvorada, pousos e desalvorada. Todos esses elementos juntos recebem o nome de giro, ou seja, o acontecer/movimentar da folia. Além do mais, a alvorada e os pousos possuem pequenas unidades rituais, compostas pelos próprios cantorios.

A alvorada é o início da festa. Ela acontece ao anoitecer de um domingo, em uma fazenda escolhida previamente. A alvorada é o momento onde alvora-se, ou seja, pede-se a Deus/Cristo/Espírito Santo, que digne os foliões, a bandeira, símbolos e instrumentos a participar do rito. A alvorada possui pequenas unidades rituais: cantorio de alvorada, cantorio de promessa, ladainha de nossa senhora, cantorio de bendito de mesa e o catira. Os pousos possuem as mesmas unidades rituais com exceção do cantorio de alvorada e sofrem acréscimo de outros cantos. As unidades rituais nos pousos são: pedido de agasalho, saudação do altar, saudação do cruzeiro, ladainha de Nossa Senhora, cantorio de promessa, cantorio de bendito de mesa (da janta), catira, entrega do troféu, bendito de mesa (do almoço), despedida. A desalvorada é um ritual único (um só cantorio) que ocorre para desalvorar os instrumentos, as imagens e os atores<sup>13</sup> da folia.

---

<sup>13</sup> Personagens do conjunto instrumental: mestre – guia, guia de folia, ajudantes do guia e do contra guia, caixeiro, rezadeira de ladainha, catireiro e os tocadores de reco-reco, pandeiro, acordeom, cavaco, rabeça, violão. Personagens envolvidos na organização: Cozinheiras, fogueteiro, mussungueiro, pouseiro, procurador, suplente do Alferes e regente.



Cada unidade ritual possui características próprias. O cantório de alvorada é utilizado para legitimar os instrumentos, personagens e imagens a participar do ritual.

*Fragmento: Eu rogo e peço a três pessoas / Da Santíssima Trindade // [...]  
Saúdo o céu e saúdo a terra / Com tudo o que mundo cria // [...]  
Pedimos Deus os poder / Para alvora essa folia // [...]  
E agora chegou o momento / Da alvorada começar // [...]  
Vou alvora o nobre caixeiro / Nesta hora e neste dia // [...]  
Vou alvora o nobre alferes / Que tá com o mastro na mão // [...]*

O cantório de saudação do altar é realizado para reverenciar o altar e seus enfeites: imagens, arranjos, esculturas. Ele narra o nascimento de Jesus.

*Fragmento: Creio em Deus pai todo poderoso / Também creio em Jesus // [...]  
Creio no Espírito Santo / Com sua divina luz // [...]  
Saudamos todos enfeites / Saudamos todas imagens // [...]  
Cada uma tem uma história / E cada história é uma mensagem // [...]*

A ladainha de Nossa Senhora é uma oração com caráter de pedido e suplica à Nossa Senhora.

*Fragmento: Kerie, eleison / Christe, eleison audi nois /  
Pater de caelis Deus, miserere nobis // [...]  
Filia, Redemptor mundi (mãe), Deus /  
Spiritus Sancte (santos) Deus // [...]*

O bendito de mesa, realizado em torno da mesa, agradece pelo alimento recebido.

*Fragmento: O nobre alferes pegou no mastro / Nos devotos acompanhou  
Mesmo assim fez Jesus Cristo / Quando neste mundo andou //  
Bendito louvado seja / as três palavras de Deus // [...]  
E Deus vos pague a bela mesa / Que "voz" deu aos foliões //  
É o Divino Espírito Santo / É o altivo rei da gloria /  
Ele agradece o almoço / Ele agradece a esmola //*

O cantório de entrega do troféu é realizado para agradecer os donos da casa pelo pouso. Ele ocorre no final da missa<sup>14</sup>.

*Fragmento: Deus vos salve a alegre hora / Que o sol e vem saindo /  
Clareando o mundo inteiro / É o poder do pai Divino //  
Senhorio dono da casa / Grande valor vocês tem /  
É de ganhar vida e saúde / Pra dar pouso o ano que vem. //*

<sup>14</sup> A alvorada bem como todos os pousos contam com a celebração de uma missa que é realizada às 8:30 da manhã.



O cantório de pedido de agalho que é realizado quando a comitiva chega na fazenda e pede para permanecer, alimento e pernoite na fazenda.

*Fragmento: Senhorio dono da casa / Vem chegando nossa folia //*  
*Vem beijar a nossa bandeira / E assistir a cantoria //*  
*Senhorio dono da casa / Se não for muito custoso /*  
*Quero lhe pedir uma janta / Que nós viemos de pouso //* [...]   
*Senhorio dono da casa / Peça a sua permissão /*  
*Pra soltar os animais / E o pouso aos folião. //*

A saudação do cruzeiro é realizada para narrar o sofrimento de Jesus. Ele é realizado em frente a uma cruz de madeira posicionada, permanentemente, em frente à casa.

*Fragmento: O Divino Espirito Santo / Que está hoje nesta morada*  
*E procura o cruzeiro / Fez as três vênias sagradas //*  
*E foi preso e amarrado / Sofreu anta judiação /*  
*Foi preso pelos soldados / E arrastado pelo o chão /*  
*Levaram ele pra Gorgota / Onde ele foi sentenciado /*  
*Aonde que ele morreu / Com seus pés e mãos cravadas //*

O cantório de despedida é o que marca a finalização da estadia da manifestação. Através dele, os foliões se despedem, agradecem e pedem desculpa por qualquer problema ocorrido. Além do mais, pedem bençãos para os donos da casa.

*Fragmento: Pelo sinal da santa Cruz / Livra-nos Deus Nosso Senhor /*  
*Livra nos dos inimigos / Jesus Cristo salvador //*  
*Deus voz pague os alimentos / Deus voz pague sua defesa /*  
*Neste mundo para o outro / Há de ser sua defesa //*  
*É de ganhar vida e saúde / Pra dar pouso todo ano. //*

Por fim, a desalvorada que é o momento onde todos são desinvestidos de suas atribuições. O ritual, então, termina.

*Fragmento: Pedimos licença a Deus / Pra fazer a nossa prece /*  
*Abençoei todos os devotos / No som do sagrado hino //*  
*Receba as santas benças / Homem mulher, moça e menino //*  
*Eu desalvoro o violonista / No lugar onde ele está /*  
*Desalvoro o reco e reco e o pandeiro / É quem ajuda nós tocar //*



As unidades rituais são os cantorios. A intermídia canto-crença acontece expressando o ritual, pedidos<sup>15</sup>, as diretrizes<sup>16</sup>, as reverências, o louvor (adoração), agradecimento, confiança, fé e devoção. A fusão dos dois elementos, juntamente com seus símbolos, é a base ritual-semântica da FDRP.

A folia congrega uma ampla gama de meios: ritual, palavra, sons, imagens, cultura, orações, gestos. Os termos canto e a crença, dentro do contexto da folia são interdependentes, pois a crença, motiva o canto e o canto propaga a crença, através de palavras, sons, gestos e demais elementos supracitados. A crença, portando seus *ethos* (ou seja, seus valores morais), precisa de outro meio (o canto) para expressar-se dentro do ritual que é cantado. O canto, que é meio autônomo, se funde à crença e, por meio dos aspectos textuais, expressa o ritual e os valores morais propiciados pela crença. Canto e crença se fazem intermeios que geram a essência da festa do Divino Espírito Santo. Essa essência é a confiança no Espírito Santo e a celebração de sua transcendência, através da devoção à bandeira.

### Considerações finais

A intermídia, gerada pela fusão de dois ou mais meios, não elimina as características que caracterizam os meios, individualmente. Quando esses meios se tornam intermídias, eles são analisados como formadores de camadas conceituais que vão além de suas caracterizações individuais.

A junção desses intermeios com o meio como os símbolos formam a folia da roça. Se eliminarmos o canto, a folia perde o sentido, se eliminarmos a crença falta o elemento central, o que também a torna sem sentido. O que constitui a configuração formal da folia é a intermídia canto-crença, uma vez que os rituais são realizados através dele.

A intermídia canto-crença, ao se relacionar, expressa as características fundamentais das festas extraídas a partir do canto-crença são: a devoção ao Divino, o

---

<sup>15</sup> Os pedidos são feitos através do canto. Através dos cantos pede-se: licença a Deus, ao Divino e a Nossa Senhora para iniciar a folia ou para cantar o cantorio; sabedoria para alvorar a folia; benção para a família dos donos da casa e para quem ornamentou o altar; a cura para alguma doença ou alguma benesse; a misericórdia de Deus; o pouso aos donos da casa.

<sup>16</sup> Diretrizes são: para que os foliões realizem suas orações; para todos se ajoelharem; para o alferes fazer a vênha, que é passar a bandeira sob todos os presentes; para retirar objetos; para cobrir o folião que pede uma benção; para os devotos se arrependem; ao alferes que beije a bandeira.



canto expressando o ritual, a confiança no Divino como consolador, a devoção à bandeira sagrada que representa o Espírito Santo, a devoção à Nossa Senhora e a organização ritual.

A intermídia canto-crença se faz o meio de suporte da festa. A festa tem seus rituais estruturados por meio do canto. O canto-crença é motivado pela crença na entidade sagrada e a partir de então se torna elemento concreto através da voz/canto. Canto-crença gera um ritual que dá suporte à realização da festa. Sem a intermídia canto-crença não há que se falar em FDRP.

## Referências

AVELAR FILHO, João Nunes. **Uma visão ecolinguística da folia da roça de formosa (GO)**. 156 f. Tese de Doutorado em linguística. Faculdade de letras. Universidade Federal de Goiás, Goiania, 2015.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Decreto Nº 34.370, de 17 de maio de 2013. Dispõe sobre a “FESTA DO DIVINO E SPÍRITO SANTO DE PLANALTINA” no Livro das Celebrações como patrimônio cultural i material do Distrito Federal e dá outras providências. Brasília, 17 de maio de 2013

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed., Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008. 323 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIGGINS, Dick. HORIZONS. /ubu editions 2007. Disponível em: [http://www.ubu.com/ubu/pdf/higgins\\_horizons.pdf](http://www.ubu.com/ubu/pdf/higgins_horizons.pdf). Acesso em 01 de junho de 2020

HOLDERBAUM, Flora Ferreira. **A voz-música na intermídia som-palavra-performance**. Curitiba, 2014. 139 f.

HOOD, Mantle. 1963. **Music, the unknown**. In Frank LI. Harrison, Mantle Hood, and Claude V. Palisca ed., Musicology. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, pp. 215-326.

LEAL, João. **As Festas do Espírito Santo no Açores**: um estudo de antropologia social. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1994.



MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music**, Evanston, Northwestern University Press, 1964.

MERRIAM. **Ethnomusicology: Discussion and Definition of the Field**, *Ethnomusicology*, 4, 3 (1960): 107-114.

SANTOS, João Rafael Coelho Cursino dos. **A Festa do Divino de São Luiz de Paraitinga: o desafio da cultura popular na contemporaneidade**. São Paulo, 2008. 210 f.

SCHWITZGEBEL, Eric (2006), "Belief", in Zalta, Edward, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, <http://plato.stanford.edu/entries/belief/>. Acesso em 01 de junho de 2020.

TAMBIAH, Stanley. **Culture, Thought, and Social Action**. *An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

WENGER, E. **Communities of Practice: learning, meaning and identity**. New York: Cambridge, 1998.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. 6.ed, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.